

A Assembléia de Deus e o Movimento Pentecostal na cidade de Imperatriz (1952-2002): História, Memória e Identidade Cultural

Bertone de Oliveira Sousa¹
[bertonesousa@hotmail.com]

Resumo

Este artigo analisa a história da Igreja Assembléia de Deus na cidade de Imperatriz, localizada no sudoeste do Estado do Maranhão, a partir da perspectiva da construção de uma identidade cultural liderada por essa instituição no decorrer de meio século, de 1952-2002. Parte-se de uma investigação do crescimento econômico e demográfico da cidade com a construção de estradas federais, quando essa igreja passa a atuar com maior vigor na região. Estuda-se suas práticas e sua relação com uma memória histórica fortemente impregnada em suas representações.

Palavras-chave: Pentecostalismo, Assembléia de Deus, Imperatriz, Identidade cultural, Protestantismo.

Abstract

This article reviews the history of the Assembly of God Church in the city of Imperatriz, located in the southwestern state of Maranhao, from the perspective of building a cultural identity built by the institution in the course of half a century, 1952-2002. It is an investigation of economic growth and population of the city with the construction of federal roads, when that church will act with greater force in the region. Studied up their practices and their relationship to a historical memory strongly imbued in their offices.

Keywords: Pentecostalism, Assembly of God, Imperatriz, Cultural Identity, Protestantism.

¹ Mestrando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Bolsista pela CAPES.

Introdução

Sabemos que desde o período colonial o Brasil tem sido um país majoritariamente católico. No entanto, nas últimas décadas, têm ocorrido modificações nesse quadro, sendo atualmente marcado por uma pluralidade de credos espalhados por todo o território. Entre esses destacam-se os protestantes de matriz pentecostal, cuja influência, sobretudo nos meios de comunicação, têm sido notável.

A Assembléia de Deus foi fundada no Brasil em Belém do Pará em 1911, por dois missionários suecos vindos dos Estados Unidos. Este artigo se propõe discutir o papel que esta igreja desempenhou na cidade de Imperatriz (localizada no Sudoeste do Estado do Maranhão) no período de 1952-2002 (respectivamente, o ano de sua fundação na cidade e o ano das comemorações do jubileu de ouro, contando, inclusive, com a publicação de um livro pela igreja).

Desse modo, a análise é uma proposta de investigação de seu crescimento nesse período de meio século, sua atuação como elemento gerador de uma identidade² cultural entre os fiéis e suas formas de propagação. Em um mundo marcado pela pós-modernidade, pela efemeridade dos discursos e das identidades, o avanço de algumas formas de religiosidade como o pentecostalismo constituem a resistência de grupos que fogem da fragmentação do indivíduo e de verdades outrora estabelecidas.

Dentre as várias regiões do país onde o movimento pentecostal cresce, Imperatriz é uma das que se destacam pela quantidade de igrejas e pelo rápido aumento no número de seus templos e fiéis. Tanto na cidade quanto na região (Tocantina), a Assembléia de Deus tem mais visibilidade entre as protestantes sobrepunhando, em número de templos e de fiéis, igrejas do mesmo ramo na cidade.

Dada a relevância desse tema, é preciso, antes de tudo, ver a religião como fenômeno social, histórico e, no caso específico do pentecostalismo, compreender seu papel, quer como manifestação social aglutinadora, quer como um movimento edificador de uma identidade com sistema de representação e significação do mundo.

² *Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo. [...] toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece* (Manuel CASTELLS, *O poder da identidade*, p. 22-23).

1. Imperatriz: Aspectos Históricos que Propiciaram o Crescimento da Assembléia de Deus.

Como a maioria das cidades brasileiras, Imperatriz foi fundada sob a influência da Igreja Católica Romana. O sincretismo e convivência de religiões de vários tipos não eram comuns nas primeiras décadas após a fundação da povoação que deu origem à cidade. Por esse tempo, o catolicismo foi o único credo institucionalizado, convivendo com religiões de origem africana praticadas por escravos negros que, temendo receber maus tratos, mesclaram seus cultos com a fé católica.

Imperatriz foi fundada em 1852 com o nome de “Povoação de Santa Tereza”, quatro anos depois foi transformada em vila e elevada à condição de cidade em 1924. No entanto, só passou a conhecer crescimento significativo a partir da década de 1950: Somente depois da construção da estrada para Grajaú, abrindo-se os caminhos para o Nordeste, os migrantes começaram a chegar e tomar conta das terras devolutas do município.³

É nesse contexto que a Assembléia de Deus se estabelece na cidade. Após ser fundada em Belém do Pará, ela se espalhou pelos Estados do Norte e Nordeste, chegando ao Maranhão na década de 1920, e teve seu primeiro surto de crescimento entre as décadas de 1940 e 1970, tendo chegado a Imperatriz em 1952. Quando de sua fundação havia 16 membros. Em 1955 já havia 202 fiéis. Em cinquenta anos atingiu um crescimento de 205.000%, contando, no ano de 2002⁴, com cerca de 35.000 membros.⁵

Esse crescimento nos mostra a necessidade de estudar as fronteiras, as práticas, representações e as instituições do campo pentecostal, pois Imperatriz se caracteriza como fronteira tanto geográfica (por estar ligada ao norte do Estado do Tocantins e Sul do Pará) como cultural (por ter recebido migrantes de outros Estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país), e a partir da década de 1950 vivenciou amplo crescimento territorial e demográfico. Nesse contexto, a Assembléia de Deus se insere como instituição geradora de novos referenciais, levando as pessoas a (re)definirem suas identidades e suas práticas cotidianas.

³ Adalberto FRANKLIN, *Breve História de Imperatriz*, p. 79.

⁴ O censo do IBGE de 2001 apontou 230.566 de habitantes em Imperatriz. In: Adalberto FRANKLIN, *Breve História de Imperatriz*, p. 95.

⁵ Edmilson SANCHES (org.), *Enciclopédia de Imperatriz*, p. 43.

A década de 50 foi importante para a cidade porque a construção de estradas ligando Imperatriz a outros municípios tirou-a do isolamento. Isso também intensificou as relações comerciais, agora realizadas com a cidade de Recife, cujas mercadorias ficavam mais baratas que as trazidas de Belém, e chagavam mais rápido através do transporte por caminhões, não apenas por barcos, como antes. A partir de então, migrantes passam a se estabelecer na cidade, ocupando terras, formando vilarejos e cultivando principalmente arroz. Em muitos casos essa ocupação não ocorreu de forma pacífica. Os anos 1960, 1970 e 1980 foram décadas marcadas por intensos conflitos entre posseiros e grileiros, trabalhadores rurais e proprietários de terras em Imperatriz, região tocantina e Araguaia, destacando-se a pistolagem.

José de Souza Martins destaca a fronteira como um lugar de conflito⁶, enfrentamento do outro, e comenta também acerca do caráter religioso, às vezes milenaristas, das populações camponesas que migram em busca de melhores condições de vida, mesclando elementos da frente de expansão com um imaginário místico. Ao fixarem-se numa região, podem tornar-se receptivos a religiões também milenaristas como o pentecostalismo da Assembléia de Deus, como o demonstra a sua própria trajetória junto às populações camponesas que se estabeleceram em Imperatriz e vilarejos ao redor, através do trabalho de divulgação de seus ideais e fundação de igrejas em todos eles.

⁶ “O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. [...] Na minha interpretação, *nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade*. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, o lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um dos grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. [...] A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o *outro* se torna a parte antagonista do *nós*. Quando a História passa a ser a *nossa História*, a História da nossa diversidade e pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou.”(José de Souza MARTINS, *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*, p. 150-151 [grifos do autor]).

A construção da rodovia Belém-Brasília no início dos anos 1960 contribuiu ainda mais para impulsionar o crescimento da cidade⁷, fazendo com que, num período de vinte anos, a população aumentasse em cerca de 450% quando Imperatriz se tornou a segunda maior cidade do Maranhão. A construção da rodovia também influenciou sobre o desenvolvimento da igreja (a partir de agora IEADI – Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Imperatriz), que começa a se expandir para aldeias, cidades e vilarejos vizinhos.

Com a chegada da rodovia Belém-Brasília (BR-010) em 1960, ocorreu o surgimento de vários lugarejos, especialmente às suas margens. O primeiro povoado a ser alcançado foi Açailândia, que era apenas um acampamento dos trabalhadores que a construíram. Nesse avanço [...] a igreja alcançou outros povoados, como Perdidos, Cajuapara, Itinga, Água Azul, Concrem e Ligação, sentido Norte. Estes três últimos pertencem ao Estado do Pará. [...] Na direção sul, sentido Brasília [...] chegou-se até o povoado Lajeado. [...] Com a abertura da rodovia que liga Açailândia à cidade de Santa Inês (BR-222), abriu-se novas frentes de trabalho em povoados que iam surgindo ao longo de suas margens.⁸

No período de 1952 a 1992 ela ergueu 44 templos e de 1992 a 2002 ergueu mais 48 templos, obtendo um crescimento do número de congregações de cerca de 110% em dez anos.⁹ Esse incremento¹⁰ é resultado das mudanças que ocorreram a nível nacional e local a partir de meados da década de 1980: o processo de redemocratização do país, com a conseqüente ampliação das liberdades individuais, de expressão e de associação, principalmente a partir da Constituição de 1988. Paralelamente, o garimpo de Serra Pelada no sul do Pará atraiu trabalhadores de várias cidades do Nordeste. Imperatriz, por fazer fronteira com este Estado, passou a ser local de moradia de muitas famílias de garimpeiros, também de comerciantes e pessoas de outras localidades,

⁷ A partir de 1955 houve um fracionamento no território original de Imperatriz, com a criação de novos municípios, resultante do rápido crescimento demográfico da região. Esse desmembramento se estendeu até 1997. Mais de 20 municípios foram criados até esse ano.

⁸ Sebastião Cleyton ALVES, *História da Assembléia de Deus em Imperatriz*, p. 57-58.

⁹ Id.

¹⁰ Em meados de 2009, a Assembléia de Deus já possuía 135 igrejas afiliadas na cidade de Imperatriz, tendo obtido um crescimento de número de templos de cerca de 47% em sete anos.

ampliando o panorama demográfico da cidade. Portanto, as estradas federais, ligando a cidade a capitais como Belém, São Luís, Goiânia, São Paulo e Brasília, o garimpo, as migrações, os conflitos de terras entre posseiros e grileiros foram fatores que facilitaram a ocupação populacional da fronteira agrícola representada, na época, pelas terras devolutas da pré-Amazônia Maranhense.

Porém, o crescimento urbano desordenado e os conflitos no campo geraram o que João Décio Passos chama de *racionalização do espaço rural*, cuja urbanização cria *aglomerados social e culturalmente diversos, misturando a cidade de Deus com a cidade dos homens. O pentecostalismo inscreve-se, pois, dentro desse quadro contraditório e vincula-se organicamente a ele em seu processo de produção de significados.*¹¹

Lyndon de Araújo Santos identificou essa transformação de que fala Passos ao estudar a expansão protestante na primeira República. E pelo fato de o sudoeste maranhense, particularmente Imperatriz, ter passado pela urbanização tardiamente em relação aos grandes centros do país, a passagem a seguir pode ser aplicada ao caso aqui estudado:

As mudanças pelas quais a sociedade brasileira passou incidiram na redefinição das identidades sociais e religiosas. O processo de urbanização correspondeu ao avanço do capitalismo industrial, transformando as relações sociais e as relações de produção. O contexto rural sofreu a continuidade da acumulação de terras, alterando as formas tradicionais de subsistência da população rural. Por conta desses processos interligados, o sagrado como era até então vivenciado também foi diretamente afetado e passou por transformações. Identificamos somente a religião evangélica nesse processo [...]. Embora tenham incorporado valores trazidos de padrões e modelos norte-americanos oriundos da Europa e dos Estados Unidos (transplante cultural), os evangélicos reinventaram esses valores num cotidiano diverso das experiências e da mentalidade dos missionários estrangeiros.¹²

¹¹ João Décio PASSOS, *Pentecostalismo e modernidade: Conceitos Sociológicos e Religião Popular Metropolitana* (não-paginado).

¹² Lyndon de Araujo SANTOS, *Os Sentidos da Protestantização na Primeira República Brasileira*. In: *Fragmentos de Cultura*, v.16, p. 308.

Portanto, a urbanização e a modernização econômica levou amplos contingentes da população a reinventar a religião, adequando-a às necessidades desses grupos, necessidade de emoção, do sagrado, a que o pentecostalismo atendeu com sua demanda de bens simbólicos representados pelo Batismo com o Espírito Santo – experiência mística em que o fiel se sente em contato com a divindade¹³ – a conversão como gesto de mudança identitária e integração na comunidade de culto, bem como a criação de fortes laços comunitários e de solidariedade, atendendo assim ao anseio de vivência social por indivíduos deixados à margem pela urbanização.

O crescimento de religiões pentecostais como a Assembléia de Deus nas últimas décadas não deve ser pejorativamente interpretado apenas como um “refúgio para as massas”, mas o fato de seu discurso ter conquistado milhões de adeptos em todo o Brasil mostra que essas religiões atendem a uma necessidade real de diversos grupos sociais, quer nas camadas mais pobres, quer nas camadas média e alta da população. No Brasil, bem como na América Latina, a religião não perdeu espaço para a modernidade, mas assumiu novas feições. São esses aspectos – modernidade, urbanização, desterritorialização dos costumes¹⁴, diluição de antigos laços de convivência e estilos de vida – que afetaram as formas de viver o sagrado de que fala Santos na citação acima.

É nesse cenário de transformações sociais, portanto, que o pentecostalismo representado pela IEADI tem crescido substancialmente, vinculando-se (ao quadro de contradições sociais) em seus processos de produção de significados, como afirma Passos, na citação anterior. Ou seja, ela passa a estar imbricada no cotidiano social, recriando referenciais de sentido para a existência social das pessoas a ela pertencentes como membros.

¹³ Acerca desse assunto, cf. André CORTEN, *Os Pobres e o Espírito Santo*.

¹⁴ A desterritorialização dos costumes está relacionada ao processo de globalização das últimas décadas, que mitigou as fronteiras e interligou as culturas, criando relações de interação entre elas marcadas por trocas e assimilações. A vida urbana, com suas migrações, comércio, sistemas de comunicação, etc. impactou fortemente o modo de vida tradicional de antigas comunidades rurais. Em Imperatriz, por exemplo, o censo do IBGE de 2000 apontou que 94,8% de sua população vivia na zona urbana. Em 1980, a população urbana era 50%. A respeito desse processo, cf. Nestor Garcia CANCLINI, *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*.

2. IEADI: Práticas e Representações¹⁵

O êxito do movimento pentecostal também se deve ao uso dos meios de comunicação. A IEADI possui uma emissora de TV própria em Imperatriz, a TV Cidade Esperança canal 14, também a rádio Cidade Esperança, além de um *site* mantido pela igreja¹⁶ e um livro, publicado em 2002 em comemoração ao jubileu de ouro de sua fundação na cidade. As promessas de salvação e a adoção de uma ética com normas de condutas próprias fazem com que o grupo gere uma identidade, através da qual os indivíduos se sentem protegidos, amparados e motivados. Sabe-se que a identidade tem caráter relacional, ou seja, se define em relação à alteridade, a algo que lhe é exterior, diferente e que, por isso, lhe fornece as condições da própria existência. Assim, podemos dizer que o catolicismo, o espiritismo e os protestantes históricos (não pentecostais) fornecem, enquanto alteridade, o suporte para a afirmação da identidade pentecostal assembleiana.

Se, por um lado, todos os protestantismos radicados no Brasil são oriundos de migrações não-ibéricas, por outro, *os pentecostais libertaram-se de vínculos com matrizes estrangeiras e iniciaram um progressivo processo de multiplicação de pequenas igrejas nacionais independentes, através de um número de fiéis militantes.*¹⁷

E ainda:

Se o protestante histórico possui o saber do culto, ele perdeu, no imaginário do pentecostal, o poder da fé. Praticante de uma confissão que contém a verdadeira religião o protestante não-pentecostal é definido como o crente sem o poder do Espírito Santo, elemento que caracteriza com exclusividade o pentecostalismo e é, para os seus adeptos, a evidência indiscutível da legitimidade de sua confissão.¹⁸

¹⁵ *As representações sociais (ou imaginários coletivos) são freqüentemente expressas (ou mesmo "materializadas") através de signos – sinais, emblemas, alegorias e símbolos.* (Jurandir MALERBA, História e Representação In: *Representações: Contribuições a um debate transdisciplinar*, p. 42).

¹⁶ <http://www.apazdosenhor.org.br>

¹⁷ Ruben César FERNANDES & Roberto da MATTA et al (orgs), *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*, p. 31.

¹⁸ Id., p. 35-36.

Para o pentecostal, o protestante histórico apenas não tem o batismo com o Espírito Santo, sendo carente deste; constitui-se, nesse imaginário, como falsa religião, o catolicismo romano, e todas as outras religiões espíritas, africanas e não-cristãs. A crença do fiel de ser portador de dons sobrenaturais como a glossolalia e o poder do Espírito Santo torna o pentecostalismo uma religião proselitista, na medida em que urge trazer para a “verdadeira” fé aqueles que se encontram na “idolatria” e no “paganismo”, incluindo, além dos fiéis das citadas religiões, ateus, usuários de drogas, prostitutas, criminosos, etc. Ao tentar superar o discurso de religiões concorrentes, o pentecostalismo torna-se um porto seguro num mundo em que as identidades passam por constantes processos de mudanças:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, não biologicamente.¹⁹

Por conseguinte, a igreja adota costumes estéticos que possam diferenciar seus membros nitidamente do restante da sociedade: mulheres não podem cortar o cabelo, nem usar calça comprida ou *short*, também não devem usar maquiagem, os homens não devem usar bermudas, ir à igreja preferencialmente com roupas sociais, manter sempre o cabelo curto e aos pregadores o uso da gravata e camisa social de mangas compridas é considerado essencial²⁰. São proibidos a prática do futebol e outros jogos por incitarem a rivalidade e o pecado, *shows gospel*, assim como é proibido qualquer tipo de dança dentro ou fora da igreja. Essa ética puritana a diferencia de todas as outras igrejas da cidade, protestantes ou não, onde essas normas não são adotadas, e também das Assembléias de Deus dos grandes centros, mais flexíveis em termos doutrinários. Mas a IEADI está ligada a um órgão nacional, a CGADB (Convenção

¹⁹ Stuart HALL, *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, p. 13.

²⁰ Essas normas são chamadas de “usos e costumes”, conjunto de regulamentos impostos aos fiéis acerca do comportamento, uso de maquiagem, bijuterias e modos de vestir. Na Assembléia de Deus, esses costumes são caracterizados pelo rigorismo legalista e fazem parte do estatuto da Convenção Geral em todo o Brasil. Embora outras convenções no Brasil não adotem essas práticas, em Imperatriz são adotadas na íntegra.

Geral das Assembléias de Deus no Brasil), que também possui parceiras no exterior (EUA, Europa, África).

A teologia [da Assembléia de Deus] é conversionista e tem atividades proselitistas. Tem sua própria Casa Publicadora, edita livros, revistas e o jornal “Mensageiro da Paz”. Tem institutos bíblicos destinados ao preparo da liderança. Nos últimos tempos tem se preocupado com sua representação política. Num primeiro momento apoiava candidatos, depois passou a indicar seus membros.²¹

Em Imperatriz possui um seminário próprio, o IBADI (Instituto Bíblico da Assembléia de Deus de Imperatriz), 92 congregações²² na zona urbana e suburbana, todos diretamente subordinados à autoridade da igreja central e de seu pastor presidente. A nível regional pertence a um órgão chamado SETA (Superintendência de Evangelização do Tocantins e Araguaia). Aos domingos pela manhã tem a Escola Bíblica Dominical, com revistas diferentes para cada faixa etária e que são publicadas pela editora da igreja, a CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) e redistribuídas para todo o Brasil. Nos demais cultos valoriza-se a pregação e o falar em outras línguas. Ao aprendê-las, o fiel sente-se participante mais ativo da comunidade, já que a glossolalia, assim como o modo de vestir-se, constituem provas externas de seu perfil pentecostal.

Assim, através de uma identidade moral rigidamente estabelecida cria-se uma identidade cultural. A forma de comunicar-se (por exemplo, o ato de cumprimentar outro membro com a “paz do Senhor”, tanto no espaço do templo como nos espaços da vida cotidiana), os cultos semanais, a igreja como lugar coletivo de compartilhamento de ansiedades, alegrias e esperanças são elementos que, no imaginário²³ dos membros, contribuem para a afirmação e permanência dessa identidade.

²¹ José Querino Tavares NETO, Elementos de Poder no Protestantismo Brasileiro. In: *Caminhos*, v 1, p. 106.

²² Até o ano de 2002. Cf. nota 9 neste artigo.

²³ Entende-se por imaginário o resultado de um processo discursivo que é *forjador de sentidos, de identidades, de (in)coerências*. [...] Nesse sentido, o imaginário constitui o conjunto de *representações/imagens de si e do outro, que, de fato, definem comportamentos, inculcam valores, atribuem méritos, corroboram ou condenam atitudes/decisões. O imaginário trabalha um horizonte psíquico habitado por representações e imagens canalizadoras de afetos, desejos,*

3. A Importância da Memória na Formação Identitária da IEADI

Sem dúvida, o pentecostalismo é uma religiosidade com ampla capacidade de mobilização social, o que pode ser verificado pela forma como os cultos e cruzadas evangelísticas são realizados. Fatos marcantes nesses eventos é a encenação que o pastor ou pregador faz em uma narrativa eloqüente e emocional de um trecho da Bíblia. Outro é a estética dos templos, com memoriais, placas luminosas, símbolos e frases da Bíblia²⁴, pois o templo se constitui em espaço sagrado onde cada um pode, individual e coletivamente, exteriorizar sentimentos em relação à fé. Sobre isso, Maurice Halbwachs comenta ao falar a respeito da Memória Coletiva e o espaço:

[...] a separação essencial entre o mundo sagrado e o mundo profano se realiza materialmente no espaço. Quando se entra numa igreja [...], num lugar santificado, o fiel sabe que voltará a encontrar um estado de espírito que já experimentou e, como outros crentes reconstituirá, ao mesmo tempo que uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns – as mesmas que se formaram e se sustentaram em épocas anteriores, nesse mesmo lugar.²⁵

O templo central da IEADI começou a ser construído em 1986 e foi concluído em 1999. Possui área total de 6.000m² e capacidade para aglomeração total de 20.000 pessoas. É o segundo maior templo dessa denominação na América Latina. Sua construção incrementou a fundação de filiais em toda a cidade e o caráter missionário da instituição.

Na citação acima Halbwachs mostra a relação entre templo (espaço sagrado), fé e memória. Esta última é um dos elementos mais marcantes na tradição judaico-cristã, o que também é verdade para o protestantismo em seus vários matizes. No caso do pentecostalismo se torna mais perceptível, uma vez

emoções, esperanças, emulações [...] Assim, encontra-se o imaginário em toda formação social como solo elementar de sua construção, traçado simbólico que organiza as forças constitutivas de um sistema histórico determinado. [...] O imaginário instaura relações de sentido, paradigmas que se apresentam como verdades. (Tânia Navarro SWIN, Você Disse Imaginário?. In: História no Plural, p. 48-51).

²⁴ Em Imperatriz, todas as congregações da AD colocam em letras grandes no interior dos templos: “Até aqui nos ajudou o Senhor” (I Samuel 7.12).

²⁵ Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, p. 183.

que ela não é evocada apenas nos templos, mas em todos os meios de comunicação, nas cruzadas evangelísticas, nos cultos realizados em ruas, estádios, ginásios, etc. Algo comum nas religiões cristãs é a comemoração da paixão, morte e ressurreição de Jesus, a páscoa, o pentecostes, o natal, o martírio e perseguição dos apóstolos, o batismo, e, no caso do protestantismo, a conversão, definindo a passagem, no imaginário do fiel, da vida marcada pelo pecado para uma vida marcada pela redenção, a consciência de estar salvo, o dever de santificar-se a fim de alcançar a vida eterna. O batismo é uma representação desse rito de passagem da antiga para a nova vida. A ceia, celebrada pela IEADI sempre no primeiro domingo de cada mês, como memorial do sacrifício de Cristo, foi um dever de relembrar explicitado na última ceia entre Cristo e os apóstolos:

E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isso em memória de mim. Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice dizendo: Este é o cálice da Nova Aliança no meu sangue derramado em favor de vós. Tomai todos e bebei [...]. Fazei isto em memória de mim.²⁶

Essa passagem revela claramente como a memória é um fator importante na constituição identitária do ritual cristão, como assinala Jacques Le Goff:

Pôde-se descrever o judaísmo e o cristianismo, religiões radicadas histórica e teologicamente na história, como “religiões da recordação” [...]. E isto em diferentes aspectos: porque atos divinos de salvação situados no passado formam o conteúdo da fé e o objeto do culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica, por outro, insistem em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental.²⁷

²⁶ Bíblia Sagrada, Lucas 22. 19-20.

²⁷ Jacques LE GOFF, *História e Memória*, p. 443.

Aqui ocorre o que Halbwachs falava de uma reconstituição de *um pensamento e lembrança comuns*²⁸, lembrança da queda, do sacrifício expiatório do messias, da conversão, ascensão, do ensinamento apostólico, o remetimento à tradição judaica como processo figurativo dos fatos desencadeados no Novo Testamento, elementos da memória sempre presentes no culto pentecostal. Se Le Goff ressalta que o cristianismo é uma religião da memória, Halbwachs verifica que é no templo onde ela é expressa de forma mais intensa em coletividade, daí a necessidade de o fiel participar freqüentemente da liturgia e dos ritos.

Dentre as igrejas pentecostais, a Assembléia de Deus é a que mais dispõe de fontes escritas, histórias e biografias de líderes. Essa preocupação com a história surgiu a partir dos anos 1960. Quase todas são narrativas que abordam de forma épica as origens e o crescimento da denominação, enaltecem o heroísmo dos fundadores ao virem para um país desconhecido por eles e enfrentarem as hostilidades do meio. Mais recentemente, a instituição tem se ocupado de historicizar a CGADB, a formação das convenções regionais, crônicas de seus fundadores, relatos de milagres e estatísticas que mostrem os êxitos da pregação.

Por que então, sua preocupação com a memória histórica do grupo? Freston²⁹ destaca ainda que seus “textos domésticos são escritos para edificação e frisam o heroísmo e os acontecimentos excepcionais”. Paralelamente, o padrão clientelista³⁰ de sua organização é um elemento que impulsiona a “construção da história em torno das biografias e autobiografias dos caciques”. Por isso os anais da instituição procuram escamotear as divergências, buscando enfatizar a harmonia existente na sua trajetória, a fim de tornar crível a ação sobrenatural sobre as decisões humanas.

Essa ênfase na história escrita que a AD tem feito nas últimas décadas revela ainda dois aspectos: a preocupação em preservar a tradição herdada dos pioneiros e também a passagem para uma igreja erudita, tendência que acentua-

²⁸ Maurice HALBWACHS, *A Memória Coletiva*, p. 183.

²⁹ Paul FRESTON, Breve História do Pentecostalismo. In: Alberto ANTONIAZZI et. al, *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*, p. 69.

³⁰ Segundo Freston a Assembléia de Deus assimilou muito da estrutura política do Norte e Nordeste brasileiro da Primeira República, onde inicialmente surgiu e se expandiu, possuindo uma estrutura interna de poder de fortes traços coronelistas. In: Alberto ANTONIAZZI et. al, *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*, p. 69.

se com o processo de institucionalização de seus quadros eclesiásticos, na necessidade da apologética e que evidencia-se pela criação de seus seminários, de uma editora própria e de uma vasta bibliografia que visa sedimentar a identidade do grupo num mundo plural e pós-moderno, bem como na intenção de deter as narrativas oficiais sobre seus princípios. Essa preocupação com a memória torna-se então um elemento de (re)afirmação identitária e de sua preservação. A memória, portanto, tem a função de ordenar e dar significado a essa trajetória do grupo.

Na comemoração do Jubileu de Ouro de sua fundação em Imperatriz, a IEADI evocou essa memória não apenas com cultos de comemoração, mas também com a publicação, pela igreja, de um livro intitulado “História da Assembléia de Deus em Imperatriz”, escrito por um pastor da própria instituição. Ele relata desde a chegada da igreja no Brasil, em Belém do Pará, sua vinda para o Maranhão e implantação em Imperatriz no início da década de 50, colocando os nomes dos fundadores, primeiros membros, locais onde foram feitos os primeiros cultos e edificadas as primeiras igrejas, o trabalho feito pelos missionários em todo o sul do Estado, a aquisição do caráter de pessoa jurídica, formação e desenvolvimento das secretarias e departamentos da instituição, os principais líderes no decurso desse período, a relação das noventa e duas congregações existentes até 2002 (ano da publicação), uma entrevista com o atual pastor presidente, um histórico do templo central, detalhes das comemorações do jubileu de ouro, várias galerias de fotos, relação de obras assistencialistas mantidas pela igreja³¹ e biografias de personagens locais, membros da instituição, considerados importantes nesse processo de meio século de história.

É interessante notar que o livro, com 268 páginas, marca uma passagem da memória à história, como fica claro logo na apresentação:

O livro A História da Assembléia de Deus em Imperatriz é a primeira obra literária que traz uma abordagem desde os primórdios da

³¹ Houve nesse período [comemoração de cinqüenta anos da igreja] grandes mutirões sociais [...], nos quais são inclusas consultas médicas; odontológicas, com doações de óculos; aplicação de flúor, palestras educacionais e preventivas sobre doenças sexualmente transmissíveis; cortes de cabelo; vacinas, palestras para casais com psicólogos e sexólogos; palestras para gestantes com médicos especializados; além de distribuições de toneladas de roupas, calçados, remédios, cestas básicas, café da manhã e lanche para as crianças. (Sebastião Cleyton ALVES, *História da Assembléia de Deus em Imperatriz*, p.189).

evangelização no Brasil até os dias atuais. A propósito, assim procedemos, haja vista a necessidade de nossos acadêmicos de teologia e a de muitos outros, em conhecer nossas raízes e o perfil histórico da AD em Imperatriz dentro do contexto nacional. [...] Parte das informações aqui contidas foi obtida através de pessoas que não somente acompanharam, mas participaram ativamente de todo o processo de formação histórica da igreja.³²

E ainda, no prefácio:

O homem, desde seus primórdios, é impulsionado por uma necessidade vital de manter as gerações futuras informadas de tudo quanto seus antepassados realizaram, sua cultura, seu modo de ser e de agir, suas preocupações, anseios e medos. Daí, ao longo de sua trajetória de desenvolvimento, surgem as mais diversas formas de expressão, dentre as quais destaca-se a escrita, que veio acelerar ainda mais com este processo.³³

As duas passagens mostram como a memória é importante no processo de constituição da identidade desse grupo, buscando fazer-se conhecer e reconhecer como um processo histórico no interior de um processo histórico mais amplo. O resgate da memória oral como reconstituição dessa trajetória impede que ela se perca no tempo, podendo, na passagem para a escrita conservar-se, como ele diz, nos institutos de teologia e outros lugares onde esteja acessível aos interessados. Nesse sentido, o grupo cria uma teia de representações, isto é, procura tornar compreensíveis suas crenças, motivos, ações e referenciais de sentido, afirmando, dessa forma, sua própria identidade em relação à alteridade, uma vez que aquela existe em função desta.

[...] os homens se percebem e esta auto-percepção constitui sua identidade. Mas esta percepção se dá no campo das representações coletivas, do imaginário compartilhado por um grupo, num espaço e num tempo específicos. [...] As sociedades são constituídas por

³² Id., p. 11-12.

³³ Id., p. 13.

diferentes grupos, que manifestam visões de mundo diferenciadas. Essas visões de mundo hierarquizam as representações.³⁴

Portanto, é desse modo que o pentecostalismo da IEADI busca representar-se no campo das religiões, afirmando-se em relação a outros credos. A visão de mundo dessa igreja conseguiu coadunar-se de forma mais coerente com a mentalidade da sociedade imperatrizense, o que outras pentecostais não conseguiram. O fato de ela ter estado presente, nesse meio século, no processo de crescimento urbano e demográfico de Imperatriz levou seu discurso a adequar-se mais claramente às necessidades e anseios dos grupos que aderiram às pregações. Tendo como principal rival um catolicismo popular, fortemente arraigado na tradição histórica da cidade, a Assembléia de Deus, por ser marcadamente proselitista, abriu espaço no horizonte dessa tradição para consolidar-se como instituição aglutinadora e formadora de uma identidade pentecostal que constitui sua principal bandeira.

Conclusão

Procurou-se mostrar como Imperatriz se insere no cenário nacional marcado pelo avanço de religiões pentecostais. Nela, a Assembléia de Deus logo no início assumiu a liderança da evangelização da cidade e das comunidades, vilarejos e povoados ao redor.

Seu avanço coincidiu com o crescimento da própria cidade a partir da construção das estradas federais e do aumento das migrações, quando então dedicou-se a um intenso trabalho de conversão dessas populações que, no decorrer de meio século aqui analisado, fez com que se tornasse a maior igreja protestante na região.

Ao adequar seu discurso às necessidades das comunidades por ela alcançadas, as levou a redefinirem suas identidades, a partir de um referencial religioso puritano, criando novos sentidos e referências de vida, e, assim, uma identidade cultural. A tradição e o trabalho proselitista foram as principais razões que a levaram a crescer substancialmente.

³⁴ Ana Teresa Marques GONÇALVEZ & Leandro Mendes ROCHA, *Identities and Ethnicities: concepts and precepts*. In: *As Identidades no Tempo: Ensaio de Gênero, Etnia e Religião*, p. 17.

Procurou-se mostrar como a memória sempre esteve fortemente presente no ritual cristão, e conseqüentemente no pentecostal, a importância do templo e dos rituais para reforçar essa tradição, como, no caso da IEADI, ela passa da memória à história e como isso constitui um dos pilares da identidade e das representações engendradas pelo grupo.

Os agentes históricos estão constantemente (re)construindo seus referenciais de mundo, e cabe verificar como, no decorrer do processo em que estão inseridos, isso vai se solidificando e como as identidades norteiam a vida dos indivíduos num determinado tempo e lugar.

Por isso, no caso do pentecostalismo, fenômeno de ampla visibilidade social, cabe analisar suas práticas e formas de manifestação, no sentido de fazer uma interpretação histórica desse processo. Com esse objetivo é que este estudo enfocou a singularidade da Assembléia de Deus em Imperatriz, no sudoeste maranhense, e sua interligação com a dinâmica histórica que traduz as mudanças que ocorreram no interior dessa sociedade.

Referências Bibliográficas

ALVES, Sebastião Cleyton. *História da Assembléia de Deus em Imperatriz*. Imperatriz: Edições IEADI, 2002.

BARROS, Edelvira Marques de Moraes. *Imperatriz: memória e registro*. Imperatriz: Ética Editora, 1986.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações: contribuição a um debate interdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.

CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da identidade*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FERNANDES, Rubem César; DA MATTA, Roberto et al. *Brasil & EUA: Religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANKLIN, Adalberto. *Breve História de Imperatriz*. Imperatriz: Ética, 2005

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

NETO, José Querino Tavares. Elementos do Poder no Protestantismo Brasileiro. In: *Caminhos*. v.1, n.2. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

PASSOS, João Décio. *Pentecostalismo e Modernidade: conceitos sociológicos e religião popular metropolitana*. In: http://www.pucsp.br/nuces/revista2/artigos_joao_decio.pdf. Acesso em 27/06/2008.

SANCHES, Edmilson (org.) *Enciclopédia de Imperatriz*. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2002.

SANTOS, Lyndon de Araújo. Os sentidos da Protestantização na Primeira República Brasileira. In: *Fragmentos de Cultura*. v. 16, n. 3. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz.; FRANCO, Sebastião Pimentel. (orgs.). *As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião*. Vitória: EDUFES, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

SOUSA, Bertone de Oliveira. *Protestantismo: das raízes na Europa à expansão em Imperatriz*. Imperatriz: Ética Editora, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro (org.). *História no Plural*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.